

O ensino de diário através da literatura introspectiva de Anne Frank¹

Maryelle Monique Nascimento Silva Santos²

RESUMO

Este trabalho investiga a obra *O diário de Anne Frank*, escrito durante a Segunda Guerra Mundial, e como o professor pode trabalhar com este livro no ensino médio, compreendendo como o relato da jovem ensina sobre as consequências dos preconceitos. Dois autores, Foucault (2009) e Glucksmann (2007), foram escolhidos para fundamentar a análise do discurso visando compreender a forma como Anne Frank conversa com sua *Querida Kitty* e retrata um período de ódio entre povos. Visando o ensino do diário na aula de Língua Portuguesa, uma sequência didática foi desenvolvida para explorar os quatro eixos de ensino, utilizando gêneros textuais distintos, conforme as obras *Oralidade na Literatura* (2000) e *Produção de textos na escola* (2007). Os resultados obtidos se basearam na compreensão dos alunos sobre o diário, considerando as particularidades de cada gênero textual estudado.

Palavras-chave: diário, discurso, ensino.

RESUMEN

Este trabajo investiga la obra *El Diario de Ana Frank*, escrito durante la Segunda Guerra Mundial, y como el profesor puede trabajar con este libro en la enseñanza media, comprendiendo como el relato de la joven enseña sobre las consecuencias de los prejuicios. Dos autores, Foucault (2009) e Glucksmann (2007), fueron escogidos para fundamentar el análisis del discurso visando comprender la forma como Ana Frank charla con su *Querida Kitty* y retrata un período de odio entre pueblos. Visando la enseñanza del diario en el clase de Lengua Portuguesa, una secuencia didáctica fue desarrollada para explorar los cuatro ejes de enseñanza, utilizando géneros textuales distintos, conforme las obras *Oralidade na Literatura* (2000) y *Produção de textos na escola* (2007). Los resultados obtenidos se basaron en la comprensión de los alumnos sobre el diario, considerando las particularidades de cada género textual estudiado.

Palabras-clave: diario, discurso, enseñanza.

¹ Trabalho de conclusão da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ministrada pelo Prof. Dr. Inaldo Firmino Soares para a obtenção do grau de Licenciada em Letras Português/Espanhol, sob orientação do Prof. Dr. Ewerton Ávila dos Anjos Luna. Nov/2019.

² Licencianda em Letras Português-Espanhol pela UFRPE. E-mail: niquenascimento14@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Em 1942, ninguém imaginou que um diário de capa simples, entregue como presente de aniversário a uma adolescente de treze anos, viraria um *best-seller* e chocaria gerações denunciando as atrocidades humanas. É surpreendente perceber que uma garota tão jovem alcançaria tamanha maturidade ao discorrer sobre guerra, poder, segregação. Impressionante notar como muitos se permitiram praticar o mal, desconsiderando a vida alheia e os direitos humanos, propagando a superioridade de raças e ceifando vidas nas câmaras de gás, marchas da morte, epidemias, trabalhos escravos em campos de concentração, bombardeios. Anne incita o leitor a refletir sobre suas próprias escolhas e as consequências drásticas de se voltar ao “lado errado”. Uma garota ensinando ao mundo as lições que não foram aprendidas, mesmo após a Primeira Guerra Mundial.

A linguagem usada pela Anne Frank no seu diário retrata intimidade com a amiga *Kitty*. Anne queria ter uma amiga para desabafar e dizia que isso só seria possível se realmente confiasse em alguém. Como a garota não encontrou alguém disponível no mundo real, escolheu seu diário para exercer essa função. Dessa forma, a garota depositou sua confiança no diário e dialogou com sinceridade sobre seus pensamentos. A fé em um dia melhor após o fim da guerra servia de engrenagem para continuar lutando e acreditando nas pessoas. A natureza e o primeiro amor também era algo que confortava a menina.

É perceptível a importância das cartas e mensagens na vida dos clandestinos. A escrita servia de consolo e desabafo. Há trechos no diário que Anne lamenta não poder falar normalmente. Precisam sussurrar e ter cautela com barulhos. Assim, o diário para a jovem representa a libertação dessas restrições, um lugar onde pode falar o que pensa no tom que desejar, ocupar a mente e devanear sobre outras questões sem ser guerra e morte.

Refletindo sobre estes aspectos, esta pesquisa surgiu objetivando analisar o discurso do diário escrito por Anne Frank e apresentar uma sequência didática como exemplo de metodologia para o segundo ano do ensino médio. A sequência foi estruturada e aplicada no IFPE, visando a reflexão sobre a obra através de exercícios que versaram os quatro eixos de ensino: leitura, produção de texto, análise linguística e oralidade. A obra *O diário de Anne Frank* foi utilizada na sala através de gêneros textuais distintos como forma de didatizar a obra e a contextualização histórica, percebendo como a literatura de introspecção retratava o período da Segunda Guerra Mundial e quais eram as características da escrita da jovem escritora.

Esta forma de didatizar a obra surgiu a partir da consideração de que os alunos possuem dificuldade de se interessar por literatura histórica, considerando uma época que está distante de sua realidade. Sendo assim, este trabalho buscou solucionar este problema a partir de questões que incitem os discentes a refletirem sobre épocas distintas e perceberem que embora exista a mudança de século, os preconceitos sociais ainda persistem.

Diante disso, o ensino desta temática é importante para refletir com os discentes sobre como uma sociedade que não respeita as diferenças religiosas e raciais pode ser perigosa. A tomada desta consciência é pertinente na identificação e combate a outros preconceitos que podem surgir disfarçados de *bullying* dentro do ambiente escolar ou em qualquer outro contexto social. Refletir através da ótica da vítima nos permite identificar e compreender o sofrimento alheio. Assim, o docente deve conscientizar para combater as agressões físicas ou psicológicas, evitando que o problema se alastre e alcance proporções inimagináveis como ocorreram na Segunda Guerra Mundial.

Para fundamentar a pesquisa sobre discurso, foram escolhidos os autores Foucault (2009) e Glucksmann (2007). Já o ensino do diário na sequência didática foi organizado com base na análise dos livros *Oralidade na Literatura* (2000) e *Produção de textos na escola* (2007).

Assim, o presente trabalho foi dividido em seções das quais foram organizados assim: Na primeira, esta introdução apresentando uma análise ampla do trabalho. Na seção 2, apresenta-se o contexto e discurso da obra *O diário de Anne Frank*. Em seguida, na seção 3, continua a contextualização da obra, mas desta vez com base na ótica de Miep Gies. Na seção 4, continua a contextualização histórica através da análise do discurso de ódio que surge no período da guerra. A análise se baseia na comparação da obra de Glucksmann com o documentário *Minha Luta* para observar os discursos persuasivos de Hitler, considerando que o documentário foi constituído com imagens reais da Segunda Guerra Mundial. Na quinta seção, há a análise do discurso da Anne Frank com base no texto de Foucault, *A escrita de si*. Na sexta seção, há uma reflexão sobre o ensino deste diário nas aulas de língua portuguesa. A sétima seção apresenta uma sequência didática que foi aplicada no Instituto Federal de Pernambuco considerando atividades que explorassem a análise do diário de Anne. Por fim, as considerações finais encerram o trabalho.

2. Tragédia relatada no diário

“O mundo é um hospício!”

Anne Frank (8 de maio de 1944, p. 318)

Diário é um texto pessoal e geralmente estruturado como carta, apresentando data, saudação, corpo do texto e despedida. A linguagem é coloquial e intimista. O objetivo do diário é conter lembranças e segredos, pois subtende que mais ninguém irá lê-lo, além do autor ou de alguém que recebeu permissão para isto. Logo, alguns modelos de diários possuem cadeado e chave para representar esta ideia de leitura proibida. Mas o diário também pode representar lembranças de viagens e conter fotos e imagens. Neste caso, a leitura não seria proibida, pois o objetivo é registrar acontecimentos que pretende recordar. O diário original de Anne Frank possui fecho simples sem chave e fotos que acompanham a leitura. Ele está em exposição no museu, *Casa de Anne Frank*, localizado em Amsterdam.

O diário possui características determinantes de seu gênero textual como ser escrito em primeira pessoa, possuir marcas da oralidade e conversação, relatar fatos do cotidiano com impressões, escrita confessional, presença de vocativos e textos assinados. Anne utilizou a sinceridade ao abranger todas essas características, apresentando opinião crítica sobre todos que dividiam o esconderijo incluindo a si mesma. A mãe de Anne é o grande embate da jovem, pois ela afirma que não ama sua progenitora como deveria e muitas vezes se sente culpada por isso. Contudo, a garota também afirma que não será hipócrita fingindo sentimentos que não possui e muitas vezes relata discussões resultantes da sua sinceridade.

Anne afirmou que não era compreendida pelos moradores do Anexo Secreto e por causa disso se sentia como a ovelha negra da família. A necessidade de ter alguém para desabafar e compreendê-la incitou a escrever as cartas e isto não ocorreu apenas no diário. Há momentos em que Anne escreveu para outras pessoas, como por exemplo, para sua irmã Margot, objetivando esclarecer o fato de Peter está muito próximo de Anne e questionando se este fato magoava Margot. Outra situação relatada em seu diário foi quando Anne resolveu escrever uma carta a seu pai informando que continuaria próxima de Peter, mesmo sabendo que isso iria contrariá-lo, já que não era pertinente uma menina ficar tão próxima do garoto convivendo no esconderijo e proibidos de sair. Contudo, a paixão de Anne era mais forte, o que a fez desobedecer o conselho de seu pai, Otto Frank.

A obra escrita pela jovem possui três versões: A (versão sem cortes, escrita por Anne sem pretensão de publicação), B (versão alterada por Anne visando a publicação), C (versão

compilada de A e B organizada por Otto Frank para publicação). A versão C foi traduzida para vários idiomas como *O Diário de Anne Frank*. O pai da garota decidiu reduzir o diário porque precisava adequar-se à publicação do editor holandês. Outro fator preponderante é que Anne era muito sincera em relação às pessoas que não tinha bom convívio, chegando inclusive a insultá-las. Então, como forma de respeito aos falecidos, o pai decidiu não autorizar o texto completo. Além disso, ela falou abertamente sobre sexualidade, o que não era comum em livros juvenis na época.

O diário de Anne Frank foi escrito, a princípio, como forma de desabafo. Anne explicou que gostaria de ter uma amiga íntima, mas que não confiava nas pessoas a ponto de escolher alguém no mundo real. Por isso, quando ganhou o diário como presente no seu aniversário de treze anos, se sentiu feliz, pois encontrou no papel o refúgio que tanto almejava. A garota esclarece que decidiu escrever justamente por causa da ausência de amigos, conforme declaração a seguir: “Para destacar em minha imaginação a imagem da amiga há muito tempo esperada, não quero anotar neste diário fatos banais do jeito que a maioria faz; quero que o diário seja minha amiga, e vou chamar esta amiga de *Kitty*”. (2017, p. 19).

Já no Anexo Secreto, enquanto ouvia o rádio com os clandestinos, Anne escutou quando Gerrit Bolkestein, político holandês, declarou em 1944 que esperava recolher testemunhos das vítimas após a guerra: “Referiu-se especificamente a cartas e diários”. (2017, p.7). Este anúncio modificou o intuito da jovem, que decidiu reescrever seu diário desejando publicá-lo. Por isso, há vários comentários posteriores em suas cartas. Interessante perceber que ao reler seus textos, Anne estava mais madura e mudava de opinião sobre os relatos, como este comentário incluído em seu diário no dia 22 de janeiro de 1944, antes da carta de 5 de novembro de 1942 em que chamou a irmã Margot de nojenta:

Eu não seria mais capaz de escrever esse tipo de coisa.

Agora que estou relendo meu diário, depois de um ano e meio, estou surpresa com minha inocência infantil. No fundo, sei que nunca poderia ser tão inocente de novo, por mais que quisesse. Entendo as mudanças de humor e os comentários sobre Margot, mamãe e papai como se tivesse escrito isso somente ontem, mas não consigo pensar em escrever tão abertamente sobre outras coisas. Fico tremendamente constrangida ao ler as páginas que falam de assuntos dos quais me lembro como sendo muito melhores do que realmente foram. Minhas descrições são muito indelicadas. Mas deixa pra lá. (2017, p. 77).

O diário possui característica de relato informal como se fosse uma conversa espontânea com a amiga de confiança. Kitty representava para a jovem alguém em que ela podia desabafar sobre situações de perigo. Anne relata diversos momentos em que os moradores do Anexo Secreto estavam em crise de nervos, mas diante do perigo, não podiam falar nem fazer barulho. O diário, de certo modo, representava a voz que a garota não podia proferir, o grito e os soluços reprimidos com medo da morte. O silêncio sufocante que só amenizava na escrita.

A jovem escritora falou de sua origem, que seus avós paternos e maternos eram de classe média alta. Assim, seus pais tiveram uma vida tranquila e repleta de festas,

Papai nasceu em Frankfurt am Main, filho de pais muito ricos: Michael Frank era banqueiro e tornou-se milionário, e os pais de Alice Stern eram importantes e bem de vida. Michael Frank não era rico desde o início; ele se fez sozinho. Na juventude, papai levou uma vida de filhinho de papai. Festas todas as semanas, havia bailes, banquetes, mulheres lindas, valsas, jantares, uma casa enorme, etc. Depois que vovô morreu, a maior parte do dinheiro se perdeu, e depois da grande guerra e da inflação não sobrou nada. Até a guerra ainda havia alguns parentes ricos. Por isso, papai foi muito bem-criado, e teve de rir ontem porque, pela primeira vez na vida, raspou a frigideira na mesa.

A família de mamãe não era tão rica, mesmo assim vivia muito bem, e ouvimos histórias incríveis de bailes, jantares e festas de noivado com 250 convidados. (2017, p.317).

É perceptível que a guerra destruiu o luxo de muitas pessoas e isso transpassou gerações a ponto de falir quem era rico. Essa contradição também foi exposta em seu diário, quando a garota relatou uma visita de Miep ao Anexo Secreto para contar como tinha sido a festa de noivado de sua prima rica:

Se Miep nos tivesse levado à festa, não sobraria nenhum bolinho para os outros convidados. Se estivéssemos lá, teríamos agarrado tudo, incluindo a mobília. Sem brincadeira, nós praticamente arrancamos as palavras da boca de Miep. Estávamos apinhados ao seu redor como se nunca na vida tivéssemos ouvido falar de comidas deliciosas e pessoas elegantes! E estas são as netas do distinto milionário. O mundo é um hospício! (2017, p.318).

Outra contradição citada constantemente por Anne é sua personalidade comparada a sua irmã. Anne afirma que os moradores do Anexo preferem o jeito de Margot, que é mais contida e recatada. Já Anne é mais agitada, ousada para sua época, madura para sua idade,

além disso, as irmãs tinham planos distintos para o futuro: “Gostaria de passar um ano em Paris e Londres, estudando línguas e história da arte. Compare isso com Margot, que quer cuidar de recém-nascidos na Palestina.” (2017, p.317). No discurso da adolescente, é perceptível que Margot herdou a personalidade recatada da mãe, característica que irritava a caçula profundamente.

Analisar as ações dos clandestinos era outra característica das cartas. Anne apontava os pecados alheios duramente e refletia sobre o fato de serem adultos mas não agirem como tal, brigas por futilidades e egoísmo e a evolução da guerra eram assuntos recorrentes,

Novos problemas no Anexo. Uma discussão entre Dussel e os Frank pela divisão da manteiga. Capitulação por parte de Dussel. Amizade íntima entre este último e a Sra. van Daan, paqueras, beijos e sorrisinhos amigáveis. Dussel está começando a sentir falta de companhia feminina. (...). O quinto Exército ocupou Roma. A cidade não foi destruída nem bombardeada. Grande propaganda para Hitler. (p. 341-342).

Anne criticava a postura da Sra. van Daan como mulher casada. A jovem acreditava que a mãe de Peter era muito enxerida com os outros homens do Anexo como seu pai, Otto, e Fritz Pfeffer (pseudônimo no diário: Albert Dussel). Outra característica desta senhora era a vaidade, pois ela priorizava a elegância e mesmo no momento de crise, não queria entregar seu casaco para o marido trocar por cupons de alimentos.

Quando o tema era a guerra, a adolescente mudava de ideia constantemente. Durante um momento, estava feliz e esperançosa com o fim dos bombardeios, em outro momento estava decepcionada com a demora desse fim e com o fato de ter que esperar. Ela também se questionava sobre o que aconteceria com os clandestinos após a guerra, se seriam “vencedores ou vencidos” e se não seria melhor todos morrerem logo para poupar os ajudantes do fardo. Contudo, a esperança e vontade de viver faziam todos temerem seu fim.

De todos os personagens citados por Anne em seu diário, Miep ganhou um destaque especial, pois a adolescente relatava a ansiedade que os clandestinos sentiam ao esperar por ela. Miep conseguia animar a esperança deles, trocar cartas e pacotes, trazer comida e livros, comentar as notícias da guerra. Era como se fosse uma espécie de protetora, a mulher responsável pelas compras que todos ali estavam impedidos de fazer. A seguir, abordaremos melhor a vida desta mulher que arriscou a própria vida para salvar outras.

3. A caridade salvou vidas

Miep Gies foi a ajudante mais famosa do Anexo Secreto. Anne Frank citava a moça como alguém que estava sempre pensando neles e servia de apoio a todos para reanimar os ânimos e a fé do grupo. Gies chegou a passar uma noite no Anexo, mas em seu livro, *Recordando Anne Frank* (2017), afirmou que não conseguiu dormir. Ela se prontificava em receber a lista de compras e levar os pedidos aos moradores. Ela levava notícias sobre a guerra. Também foi a responsável por salvar o diário de Anne e guardar em local seguro até devolver a Otto Frank.

Na sua obra, Gies afirma que acolheu um judeu na sua casa durante a guerra, mas que os moradores do Anexo Secreto não sabiam. Quando os clandestinos foram delatados, Miep e Jan decidiram retirar o judeu de seu lar, já que o local estava muito perigoso. Além disso, seu marido Jan Gies auxiliou outros judeus com documentos falsos no intuito de escapar da morte iminente. Após a guerra, Otto procurou Miep e Jan Gies e foi acolhido na casa deles por sete anos. No reencontro, Otto sabia que a esposa Edith tinha falecido, mas ainda mantinha esperanças de encontrar suas filhas vivas. O casal ajudou Otto a procurar o paradeiro das jovens. Convicto do falecimento, Otto decide ir morar na Suíça, mas antes transforma o Anexo Secreto na Casa da Anne Frank, um museu que reúne objetos dos clandestinos e arquivos da guerra.

Recordando Anne Frank (2017) é um livro de memórias, que Miep Gies apresenta sua vida desde a infância até a fase adulta. Relembra o encontro com Otto na tentativa de conseguir um emprego temporário. Ao concluir a fase probatória, é contratada pelo bom desempenho. Assim, começa sua história com os Frank.

O passado de Gies demonstra que o bem pode salvar vidas, pois quando criança, Gies vivenciou a Primeira Guerra Mundial no seu país de origem, Áustria. Devido à guerra, os alimentos eram escassos e a fome se alastrou no país. Por causa disso, Gies tornou-se uma criança franzina e doente. Com o nascimento de sua irmã, o pouco alimento precisava ser compartilhado e para salvar sua vida, os pais da menina decidiram cadastrá-la no programa organizado por trabalhadores estrangeiros para salvar crianças austríacas:

Fui enviada para um país distante chamado Holanda, junto com filhos de outros trabalhadores austríacos, para ser alimentada e recuperar minha saúde.

Era inverno - sempre cruel em Viena -, dezembro de 1920, eu estava embrulhada nas roupas que meus pais conseguiram encontrar, e fui despachada para a cavernosa

ferrovia de Viena. Esperamos durante várias horas e muitas crianças doentes se juntaram a nós. Os médicos deram uma olhada em mim, examinando meu corpo magro e fraco. Embora eu tivesse 11 anos, aparentava ser muito mais nova. Meus cabelos ralos e loiro-escuros estavam presos por um laço de algodão. Tinha um cartão pendurado no pescoço, e nele estava impresso um nome desconhecido, de alguém que eu nunca tinha visto.

Quando a menina chegou à Holanda, foi acolhida por uma família holandesa que não sabia falar alemão, exceto por um garoto mais velho que estudava para ser professor. Este garoto virou o intérprete da família e intermediava a conversa entre a menina Gies e a família. O patriarca matriculou a menina na escola holandesa para aprender o holandês: “Em Viena, eu estava na quinta série, mas em Leiden fui colocada de volta na terceira” (2017). A estadia da menina deveria ter durado três meses, contudo a saúde dela não havia restaurado. Por causa disso, os médicos ampliaram por mais três, e depois prorrogaram por mais três. Com o tempo, a família foi se afeiçoando à menina considerando-a membro da família: “No início, me chamavam pelo nome, Hermine, mas, à medida que o gelo entre nós se quebrava, eles acharam o nome muito formal e começaram a me chamar por um carinhoso apelido holandês, Miep” (2017). Esta alcunha marcou a vida de Hermine, que passou a ser conhecida desta forma. No diário de Anne, a garota criou pseudônimos para vários moradores e ajudantes do Anexo, mas o nome Miep não foi alterado com exceção do sobrenome.

Aos dezesseis anos, Hermine viajou até Viena para reencontrar a família biológica. Mas estranhou o lugar e ficou ansiosa para retornar a Holanda. Percebendo isto, a mãe biológica pediu aos pais adotivos que acolhessem Hermine de volta, já que a mesma se sentia holandesa e estava adaptada ao novo país. Durante a adolescência, Miep escrevia num diário, mas enjoou deste hábito. Ela escrevia cartas aos pais biológicos e enviava dinheiro para eles.

Novamente é importante perceber o hábito de escrever cartas para alguém, denotando que era uma prática cultural entre os personagens do diário da Anne. Também é interessante notar que, durante a infância, uma família desconhecida se prontificou a salvar a vida de Miep e, mais tarde, quando alcançou a fase adulta, fez o mesmo com outras famílias, mesmo reconhecendo o risco de ser delatada.

Outro livro que retratada a vida dos ajudantes e clandestinos é *Para além do diário de Anne Frank* (2016). Desta vez, a abordagem é mais geral. A obra é composta por depoimentos de quem conviveu e conheceu a jovem escritora e cada capítulo aborda um personagem do diário, além de conter curiosidades e fotos contextualizando a guerra. Um fato curioso citado

no livro era a prática do casal Gies de fechar as cortinas e retirar o telefone do gancho todo dia 4 de agosto “o dia da traição”, rememorando o falecimento dos amigos. Embora todos os esforços tenham falhado a missão de salvar os clandestinos do Anexo Secreto, Miep foi a ajudante que mais se empenhou na missão de conceder entrevistas e manter as atividades da Casa da Anne Frank. Tanto ela como Otto chegaram a visitar escolas com o intuito de ensinar aos estudantes que a prática da guerra não soluciona problemas. Essas visitas foram retratadas em alguns filmes como *Escritores da Liberdade* (2007), dirigido por Richard LaGravenese e *Minha Querida Anne Frank* (2009), dirigido por Alberto Negrin. Miep faleceu em 2010 com a idade centenária, após dedicar sua vida em propagar o legado deixado no diário. Anne apresentou a guerra ao mundo pela versão dos oprimidos, mas no capítulo a seguir trataremos da guerra através da análise dos opressores.

4. O poder disseminando o ódio

“O ódio acusa sem saber, O ódio julga sem ouvir. O ódio condena a seu bel-prazer”

Glucksmann

André Glucksmann, filósofo e escritor francês, afirmou em sua obra *O Discurso do Ódio* (2007) que este sentimento surge de forma inesperada arruinando relacionamentos públicos e privados. Reflete sobre a indignação do povo diante da incapacidade de órgãos públicos e da Organização da Nações Unidas (ONU), criada para instaurar a paz mundial, de resolverem conflitos, pois são constantemente interrompidos. O filósofo ainda denuncia a modernização do discurso do ódio que consiste em justificar essa prática, fomentando-a:

O pedófilo é vítima de uma infância infeliz; o pretexto do assassino de velhinhas é a necessidade premente de dinheiro; os estupradores dos subúrbios são consequência da alta taxa de desemprego, e os que “perambulam” pelos becos nos quais meninas de quinze anos são repetidamente violentadas são frutos da carência de equipamentos sociais. (...).

Tese defendida aqui: o ódio existe, todos nós já deparamos com ele, tanto na escala microscópica dos indivíduos como no cerne de coletividades gigantescas. A paixão por agredir e aniquilar não se deixa iludir pelas magias da palavra. As razões atribuídas ao ódio nada mais são do que circunstâncias favoráveis, simples ocasiões, raramente ausentes, de liberar a vontade de destruir simplesmente por destruir. (p.10-11).

O filósofo conseguiu analisar o ódio em diversos contextos histórico-sociais como, por exemplo, na fábula de La Fontaine, no texto de Shakespeare, na Grécia antiga e na atualidade através de Stalin, Hitler, Bin Laden. Glucksmann analisa o poder do discurso de ódio sobre as pessoas e o mal que isto ocasiona quando se alastra. O filósofo comenta que o ódio foi legalizado em diversos momentos da História mundial e até mesmo em épocas de paz, isso acabava iludindo, já que o sentimento destrutivo ressurgia. Uma prova deste argumento é o preconceito contra judeus:

Essa paixão destrutiva atravessa milênios, ajusta-se ao espírito do tempo, renasce incessantemente das cinzas dos diversos fanatismos que parecem motivá-la. Ela surgiu cristã, mas, a partir do momento em que a Europa se descristianizou, ela alcançou seu apogeu. Acreditava-se que, depois de Hitler, essa paixão se havia extinto; hoje, porém, ela se mundializa. Quando se espera que o ódio esteja restrito a alguns excessos obscurantistas ou xenófobos, o noticiário da noite nos mostra Jerusalém e seus arredores. Que cada habitante do planeta se encarregue de tomar partido e formar sua opinião. (2007, p. 85).

O fim da Segunda Guerra Mundial não aplacou a imagem negativa imposta ao povo judeu, pois o autor cita ainda uma pesquisa de 2003 realizada pela Comissão Europeia para descobrir a opinião dos europeus sobre quem seria o responsável por ameaçar a paz mundial. Israel liderou a lista com 59% dos votos.

Diante das declarações belicosas trocadas desde há meio século entre o Paquistão e a Índia, dois países que, nesse meio-tempo, se transformaram em potências nucleares, e das reiteradas ameaças da China comunista, pronta a desafiar a Marinha dos Estados Unidos e o Japão, a fim de “recuperar” Taiwan à força, somos induzidos a alterar nossa visão das coisas: Israel, esse minúsculo território e seus quatro ou cinco milhões de habitantes, é o perigo supremo para o século XXI! (2007, p.87).

Dessa forma, se pode constatar que o ódio se transfigurou com a mudança do tempo, mas que não deixou de existir. Diante de tantos países mais ricos e estruturados para liderar guerras, Israel sendo o menor de todos é apontado como a principal ameaça. Esse pensamento foi discursado publicamente quando um embaixador da França em Londres proferiu seu ódio ao referir-se a Israel: “pequeno país de merda...Por que o mundo deveria sofrer o perigo de uma Terceira Grande Guerra Mundial por causa daquela gente?” (2007, p. 92).

O documentário, *Minha Luta* (1960), utilizado na sequência didática proposta neste trabalho, afirma que o jovem Adolf Hitler desejava ser artista, contrariando a opinião de seu pai. Hitler tentou entrar na Academia de Artes em Viena, mas foi rejeitado. Durante esta época, ele era pobre, mas se considerava superior aos outros. Hitler conseguiu panfletos abordando “os defensores louros dos direitos humanos”, que eram parte da biblioteca de Austeria e, para conseguir mais números, Hitler procurou o editor Austeria, que fundou uma ordem para homens louros de olhos azuis. Esta seita pregava a superioridade da raça humana branca em comparação à raça negra, por isso defendia o extermínio da negritude e tinha a suástica como símbolo. Outro fator que chama a atenção é a opinião de que os judeus representavam o próprio demônio. Assim, Hitler achava que deveria acreditar nessas crenças para pertencer à raça superior. Hitler trabalhou na Primeira Guerra Mundial alcançando o cargo de cabo, mas após a guerra ele ficou desempregado e decide virar político.

Analisando a vida de Hitler, percebe-se que o desejo de ser superior a outros já existia em sua personalidade. Contudo, foi a oportunidade de explicar esse preconceito com base em teorias duvidosas, que Adolf fomentou seu desejo de ampliar essa crença mundialmente. O documentário demonstra claramente que Hitler era autoritário e buscava legalizar suas crenças pessoais através de parcerias políticas. Com isso, criou uma geração formada pelo ódio capaz de exterminar milhares de vidas. Refletindo sobre isso, seguiremos a análise do discurso, considerando Foucault e as mensagens de Anne sobre a guerra.

5. Discurso por Foucault

“A carta prepara de certa forma um face a face”

Foucault

A escrita reflete o estilo de quem escreve. A linguagem e o discurso deixam traços no texto que permitem ao leitor identificar a autoria. Isto facilita, de certo modo, a compra de uma obra, que embora o leitor não tenha tido contato, ao saber quem escreveu o livro, já possui uma noção do tema abordado. Sobre a escrita, Foucault (2004, p. 156) afirmou o seguinte: “Escrever é portanto, ‘se mostrar’, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro”. Com isso, o autor acaba eternizando seus pensamentos, ideologias e quem o conhece acaba reconhecendo sua voz através da escrita.

É sabido que Otto Frank recebeu o diário de sua filha, Anne, ao reencontrar Miep Gies. A fiel funcionária guardou o livro histórico na esperança de devolver à adolescente. Como não foi possível, entregou o diário aquele que se tornou o herdeiro mais próximo. Otto dizia publicamente que se surpreendeu com a leitura do diário de Anne. Ele percebeu uma maturidade na escrita da filha que não conhecia. Como pai, acreditava que Anne ainda era uma menina inocente, mas seu diário revelou uma jovem atenta a seu tempo e que aprendeu muito rápido com a dor.

Otto teve que reviver todo o sofrimento e lidar com as fortes lembranças ao ler as cartas organizadas no diário da filha. Sobre esse contato, Foucault analisa:

A carta torna o escritor “presente” para aquele a quem ele a envia. E presente não simplesmente pelas informações que ele lhe dá sobre sua vida, suas atividades, seus sucessos e fracassos, suas venturas e desventuras; presente com uma espécie de presença imediata e quase física. “Tu me escreves com frequência e te sou grato, pois assim te mostras a mim [*te mihi ostendis*] pelo único meio de que dispões. Cada vez que me chega carta tua, eis-nos imediatamente juntos. Se ficamos contentes por termos os retratos dos nossos amigos ausentes [...] como uma carta nos regozija muito mais, uma vez que traz os sinais vivos do ausente, a marca autêntica de sua pessoa. O traço de uma mão amiga, impresso sobre as páginas, assegura o que há de mais doce na presença: reencontrar”. (2004, p. 156).

Foucault trata da presença do outro através das cartas e de como isto pode refletir um sentimento de conforto e regozijo em quem lê. Contudo, as cartas de Anne foram escritas no diário que, a princípio, não havia intenção de ser público. Há passagens nos textos em que Anne comenta sobre ser sincera justamente por isso, ou seja, já que o diário era secreto e estava dialogando com sua amiga íntima Kitty, teria total liberdade na escrita. Após ter intuito de publicação, Anne modifica seu tom, comenta textos anteriores até mesmo se criticando. Esta autoanálise denota arrependimento pela escrita de alguns textos, embora isto não permitiu que a garota rasgasse as cartas ou as riscasse do seu diário.

As cartas também apresentam um tom de revolta sobre a guerra. A esperança de tudo acabar, de todos sobreviverem e de terem um dia melhor são temas recorrentes. É sabido que Anne e sua irmã foram transferidas do campo de concentração e separadas da sua mãe em Auschwitz-Birkenau. Anne viu Margot falecer no campo Bergen-Belsen. As duas irmãs contraíram tifo e faleceram muito debilitadas. Diante de tanto sofrimento, o mundo nunca saberá se Anne realmente publicaria seu diário após sobreviver ao campo de concentração. Se

permaneceria com fé na humanidade, e se seus textos continuariam do mesmo modo em que foram escritos, sem ter mais observações ou, ainda, se publicaria, mas desta vez culpando os humanos por tanta maldade.

O discurso da Anne prova que é importante discutir sobre respeito e diferenças. Ele prova também a importância do diálogo e que o ser humano tende a cometer erros e agir de forma egoísta até mesmo como forma de sobrevivência. Ele prova, acima de qualquer coisa, que vale a pena lutar pela causa humana e que lutar no lado errado atrai consequências drásticas. Considerando a importância do livro para o caráter humano, o próximo capítulo refletirá sobre o ensino desta obra na disciplina de Língua Portuguesa.

6. O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Este trabalho reflete sobre o ensino da obra *O diário de Anne Frank*, visando o discurso em gêneros textuais diversos. Assim, duas obras foram escolhidas para auxiliar na construção de atividades, que são *Oralidade na Literatura* (2000) e *Produção de textos na escola* (2007). Além disso, foi consultado o artigo *O Diário na sala de aula: articulando análise linguística, leitura e produção textual*.

Visando o ensino do diário na aula de Língua Portuguesa, exercícios foram desenvolvidos para explorar os quatro eixos de ensino: oralidade, leitura, escrita e análise linguística. Os resultados obtidos se basearam na compreensão dos alunos sobre o diário, considerando as particularidades do gênero textual estudado. A proposta de atividade foi pensada para ser aplicada a turmas do segundo ano de ensino médio, pois requer maior maturidade para responder as questões, considerando o fato de que os educandos precisam conhecer tempos verbais, adjetivos, entender o sentido de ironia, eufemismo, denúncia social e refletir sobre tempo e espaço com base em fatores histórico-políticos. Este estudo é importante porque incita os alunos a refletirem e se posicionarem de forma autônoma sobre questões sociais através de cartas e análise linguística. Interessante perceber que a escrita não é isenta, que o discurso é estruturado de forma lógica.

Sobre o ensino de produção de textos, as autoras Leal e Brandão (2007) defendem que escolher o gênero textual e conhecer as características do mesmo é fundamental na escrita. Dessa forma, elas acreditam que a produção de textos é uma ação linguística, já que é

necessário pensar nas capacidades textuais e conhecimentos de mundo para construir os argumentos escritos,

Em suma, a consideração dos conhecimentos prévios e das variedades de fala dos alunos promove a elevação da autoestima e valorização do grupo social de origem da turma, gerando a consciência de que a escrita é mais uma forma de participação social e que, por meio do texto escrito, eles podem agir em esferas sociais a que, anteriormente (quando não escreviam textos), não tinham acesso de forma autônoma. (p. 50)

Como as autoras afirmaram, a escrita desenvolve o senso crítico dos estudantes, pois reflete o posicionamento e compreensão dos mesmos sobre algum tema. Quando há produção de cartas, por exemplo, os discentes demonstram características de sua personalidade e escrita denotando seus conhecimentos de mundo e exercendo a coesão e coerência de aspectos linguísticos e discursivos. Urbano (2000. p. 9) denomina isso de “característica linguística do escritor”, que representa o estilo pessoal da escrita.

Segundo os *Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa de Pernambuco* (2012), o ensino de língua deve considerar as concepções do sentido de linguagem e dos modos como os sujeitos se apropriam disso, seguindo propostas que norteiam plano de ensino,

Como dito anteriormente, a concepção que orientou a construção dos Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa de Pernambuco fundamenta-se na perspectiva interacionista de linguagem, da qual decorre uma concepção de aprendizagem como processo ativo, no qual estudantes e professores são tomados como protagonistas do processo educacional. Tais concepções têm repercussões importantes para o processo de alfabetização e letramento de crianças, jovens e adultos, pois requerem a superação de práticas de memorização e repetição, como cópias e outras tarefas que se apresentam destituídas de significado para os alfabetizandos, e a ênfase em situações a partir das quais a língua escrita seja apropriada em sua dimensão discursiva, em situações reais de uso. (2012, p. 28).

A proposta do ensino voltado à interação também é proposta no artigo de Bastos (p. 2), já que a autora defende que

(...) A linguagem é considerada em seu aspecto dialógico como uma construção de natureza social e histórica. Nessa concepção, preconiza-se que ela é constituída, nas mais diversas enunciações geradas nas diferentes situações de comunicação, pelos

gêneros do discurso. Em conformidade com essa visão, o texto é pensado como lugar de interação, já que se organiza sempre dentro de determinado gênero.

Do ponto de vista pedagógico, direcionar-se para o estudo do texto a partir de uma visão dialógica da linguagem e, portanto, interacional e discursiva, implica considerar que o usuário faz escolhas dentro das possibilidades da língua para adequar seu texto às variadas situações de interação, sejam elas orais ou escritas.

Diante dos argumentos expostos acima, percebe-se que as obras convergem sobre o ensino de língua visando a análise discursiva de textos, atentando para as influências linguísticas, intencionalidade e intertextualidade que auxiliam na compreensão e também produção textual. Por isso, as questões a seguir abrangem o ensino de cartas pessoais extraídas do diário de Anne Frank, pois além de serem textos com linguagem direta e sincera, representam a resistência de um povo perante um governo opressor. Anne Frank conseguiu dar voz aqueles que foram calados e pensar sobre seu discurso é pensar sobre direitos humanos e respeito às diferenças, já que a aula de língua não deve ser aprisionada ao ensino tradicionalista, apresentando questões descontextualizadas, focando só na gramática e usando o texto como pretexto. Pensando sobre isto, a proposta didática apresentada no próximo capítulo foi aplicada no ensino médio/técnico buscando a compreensão das cartas de Anne através da interação e autonomia dos estudantes.

7. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos objetivos desta pesquisa consiste em aplicar a análise da obra em turmas do segundo ano do ensino médio, embora possa ser aplicada em outras turmas do médio ou até fundamental, considerando que existem muitas releituras da obra *O Diário de Anne Frank*, como o livro ilustrado ou em quadrinhos. Esta sequência serve de sugestão didática de como a obra pode ser explorada visando permitir aos discentes que conheçam o diário e reflitam sobre os preconceitos sociais e o perigo de legalizar isto. Dessa forma, a sequência didática, apresentada abaixo, aborda a obra em gêneros textuais variados.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Este trabalho foi construído com o intuito de refletir sobre o gênero diário, abarcando a composição de cartas, análise do discurso, marcas da oralidade e contexto histórico-social,

envolvendo discussões sobre guerra, preconceitos e resistência. A proposta didática foi estruturada para ser aplicada em duas turmas do ensino médio (5º ano integrado) nos cursos técnicos de Eletrotécnica e Eletrônica no Instituto Federal de Pernambuco (IFPE). Para isto, o projeto apresenta teóricos que defendem o ensino de língua portuguesa em eixos distintos que abrangem articulação entre leitura, literatura, produção textual e análise linguística.

A sequência didática foi aplicada entre os meses de outubro e novembro de 2019 no município de Recife. As aulas seguiram as propostas de ensino do instituto que versavam sobre o ensino de cartas no planejamento escolar referente ao quinto ano. *O diário de Anne Frank* não estava inserido como leitura recomendada, contudo esta proposta de ensino foi apresentada à docente de Língua Portuguesa, Dra. Tarcísia Maria Travassos de Aguiar, que aprovou o projeto didático e permitiu a aplicação nas duas turmas das quais é a docente responsável.

Disciplina: Língua Portuguesa

Conteúdos: Análise do diário de Anne Frank utilizando gêneros textuais diversos (longa-metragem, ilustração, imagens/fotos, resenha crítica, cartas), análise de tempos verbais influenciando a narrativa da história, marcas da oralidade na literatura introspectiva.

Habilidades: A sequência foi estruturada para desenvolver o pensamento crítico, com base nas orientações dos *Parâmetros para a Educação Básica do Estado de Pernambuco*, dos quais defendem o desenvolvimento de habilidades discursivas: “No Ensino Médio, é possível, ainda, propor um aprofundamento dos estudos sobre a linguagem. A atividade de reflexão e análise linguística adensa-se mas também nessa etapa de ensino, deve estar voltada para o aprimoramento do estudante como leitor, ouvinte, escritor e falante.” (2012, p. 51). Essas funções convergem na decodificação, compreensão e interpretação como interação do leitor e texto. Essas concepções foram pensadas nas estruturas das atividades apresentadas abaixo.

Tempo estimado: As aulas são germinadas, logo cada dia equivale a duas aulas. Como foram duas turmas analisadas, toda semana foram realizadas duas aulas por turma. Logo, a sequência teve um total de 20h, equivalendo a 10h para cada turma.

Materiais utilizados durante as aulas: Datashow, notebook, livro ilustrado, DVD, cartolinas, papel, hidrocor.

Aula 1: 21 e 23/10/2019

- Realização de perguntas sobre o gênero textual resenha literária

A aula iniciou com orientações para construir uma resenha crítica do filme *O diário de Anne Frank* (2009). Houve a apresentação do gênero textual e dos nortes para a composição do trabalho escrito, cada aluno recebeu um papel com perguntas sobre o filme que os ajudariam a compreender melhor a história e serviria de argumento para a construção da resenha. Então, o filme foi iniciado. Durante a exibição, o longa-metragem foi interrompido em alguns momentos para esclarecer e contextualizar a história (quem são os personagens, motivo da fuga, história verídica). Os discentes aproveitaram este momento para realizar perguntas sobre a história apresentada. Com o término do filme, os alunos foram liberados e a resenha crítica virou trabalho para casa. Alguns alunos informaram que já assistiram a um filme sobre o diário, mas nenhum tinha assistido essa versão apresentada.

Atividade para refletir sobre o filme *O Diário de Anne Frank* (2009)

O filme retrata a história de Anne Frank baseada no diário escrito pela jovem. A história do filme é fiel ao testemunho sobre a violência da guerra e o cotidiano dos moradores do Anexo Secreto que viviam como clandestinos escondidos dos nazistas e lutando pela sobrevivência. Após assistir o longa-metragem, escreva uma resenha crítica do filme informando suas impressões sobre a história destacando os seguintes aspectos:

- Como a jovem retrata a Segunda Guerra Mundial?
- Como os judeus eram tratados pelos nazistas?
- Qual a importância da escrita e leitura para a vida da Anne e dos demais moradores do Anexo?
- As brigas constantes e o medo de serem encontrados pelos nazistas afetavam o relacionamento dos moradores. Isso os afastava, mesmo estando tão perto. Assim, a jovem retratava esses momentos de que forma?
- A busca pela sobrevivência afluía o lado egoísta de muitos moradores. Acredita que isso prejudicou o plano da resistência? Justifique sua resposta.

- Anne falava muito de Margot e da forma como os outros tratavam sua irmã e ela. Havia diferença? Por quê?
- Os sonhos de sair do Anexo após a Guerra era algo que animava os moradores e os incitavam a continuar resistindo. Discorra sobre isso.
- O amor por Peter modificou a postura de Anne Frank no Anexo Secreto. Como ocorreu essa mudança de comportamento?
- Qual a importância de se refletir sobre a mensagem que a Anne Frank nos deixou em seu diário?

Os alunos escreveram a resenha respondendo às perguntas acima. Alguns se confundiram e fizeram resumo em vez de resenha, sem dar sua opinião ou recomendar o filme a algum público, característica típica do gênero textual solicitado. Neste período (5º ano integrado), a turma não estudou resenha crítica, contudo a docente deles afirmou que isto é tema do período anterior e que todos já estudaram o gênero no Instituto. Por isso, consultada se o gênero poderia ser aplicado como uma das atividades da sequência, a docente concordou.

Aula 2: 28 e 30/10/2019

* Leitura do livro ilustrado e roda de conversa.

A aula iniciou com a entrega das resenhas, já que a atividade ficou para casa. A seguir, os alunos se organizaram em círculo para ler em voz alta o livro ilustrado *Anne Frank* (2005). Cada aluno mostrava a imagem do livro e lia uma página. Conforme iam lendo, eram questionados sobre a relação do texto e da imagem proposta na página que o acompanhava. Eles respondiam o que compreendiam sobre a leitura e isto auxiliava na compreensão das imagens. Após isso, escutavam explicações sobre a história do livro e a relação ocorrida durante a Segunda Guerra Mundial. O livro apresenta duas ilustrações onde os personagens se deparam com a imagem de Hitler nas ruas. Na primeira imagem, soldados nazistas estão pregando um cartaz com a foto do fúhrer na rua, enquanto uma criança observa. Na segunda imagem, há outra foto de Hitler na rua onde duas pessoas caminham, tomando o espaço completo da parede. Os alunos foram questionados sobre o significado de ter essas imagens em vias públicas e qual a representação disso no contexto da guerra. Os discentes responderam que isso representava intimidação do governo para controlar a população além de demonstrar poderio. O fato de ter imagens espalhadas publicamente também representava uma forma de lembrar ao povo que os nazistas estavam presentes e próximos, significando

retaliação para amedrontar as pessoas. Os alunos notaram que isso afetava o psicológico do povo incitando a segregação de raças e o *bullying* cometidos inclusive por crianças, fato representado na imagem da página ao lado. Durante a leitura da obra também era realizado debate sobre o filme e a semelhança da história cinematográfica com o livro ilustrado.

Aula 3: 04 e 06/11/2019

* Reescrita da resenha crítica

A pedido da docente Tarcísia, esta aula focou na reescrita da resenha literária e explanação sobre o gênero resenha crítica. Como as aulas são germinadas, a primeira aula abordou as características do gênero, exemplificação e leitura sobre isso. Já na segunda aula, os alunos receberam de volta seus textos com as observações/correções realizadas para que pudessem reescrever analisando seus erros e melhorar suas resenhas. Em caso de dúvidas, a consulta ao professor era individual.

Aula 4: 11 e 13/11/2019

* Dinâmica caixa de lembranças e organização da exposição.

A caixa continha elementos que remetiam à época da guerra e que foram retratados no filme e na obra. Os discentes fizeram um círculo e a caixa foi passando entre as mãos deles. Cada aluno retirava alguma imagem da caixa, mostrava ao grupo e dizia o que se lembrava sobre a utilização disto na história de Anne. As imagens eram a estrela amarela, balde, cupom de desconto, diário, Olga Benário (para vincular ao Brasil), Hitler. Após a resposta, a professora complementava a fala apresentando trechos do diário e imagens extraídas do documentário *Minha Luta* (1960) que demonstravam a utilização desses objetos e sua importância na análise da guerra. Após a dinâmica, a aula seguiu com a comparação deste contexto histórico com o campo de concentração construído no Ceará como tentativa de segregar os nordestinos brasileiros. O objetivo disso foi incitar os alunos a refletirem sobre a intolerância resultante dos preconceitos. Interessante perceber que nenhum discente das duas turmas conhecia a história dos campos cearenses. Eles se mostraram surpresos ao descobrir que isso existiu no Brasil. Por fim, a turma se dividiu em três grupos para organização da exposição. Cada grupo ficou com um tema diferente de pesquisa para exibir e explicar durante a exposição.

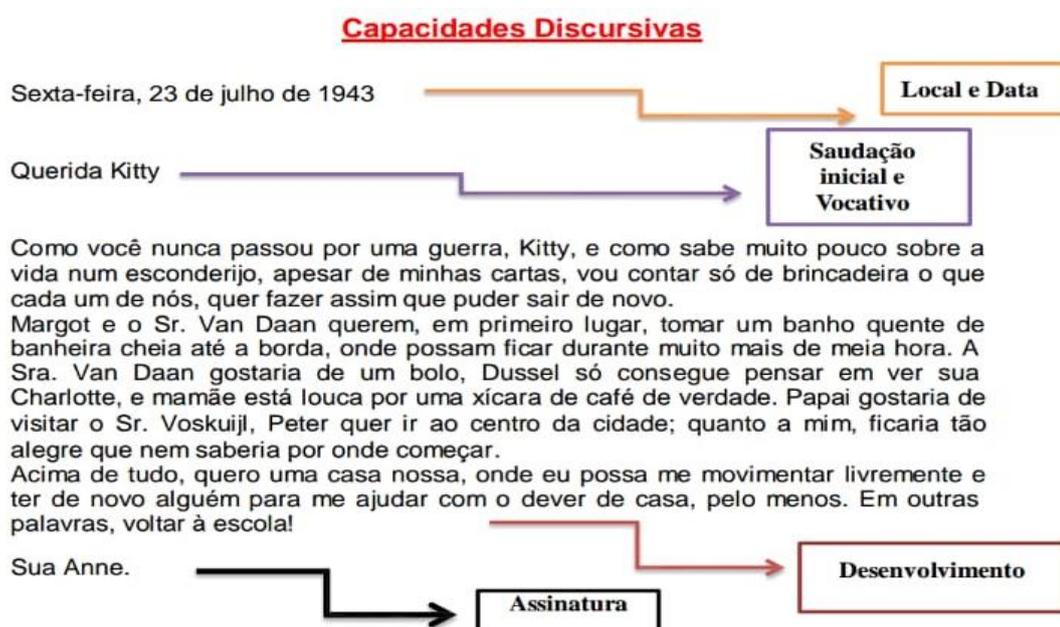
Aula 5: 18 e 20/11/2019

* Análise Linguística

Esta aula focou no ensino das cartas através da análise linguística (tempos verbais, marcas da oralidade, adjetivos, ironia). O objetivo principal era incitar os alunos a refletirem o discurso de Anne através da escrita e léxicos utilizados por ela. Este exercício também auxiliou os alunos a refletirem sobre a escrita de si e perceber as marcas da escrita de Anne Frank, como a narrativa de seu cotidiano ou a impressão de estar diante daquele que escreve: “o traço de uma mão amiga”, características do gênero textual carta defendidas por Foucault. Assim, foram elaboradas cinco questões para nortear esta análise, conforme exercícios apresentados abaixo.

CARTAS PESSOAIS DO DIÁRIO DE ANNE FRANK

Analise a estrutura da carta a seguir:



(p. 148)

O trecho que você acabou de ler pode ser dividido em 4 partes:

- Local e data;
- Saudação inicial e vocativo;
- Desenvolvimento (texto em ordem cronológica);
- Assinatura.

Fonte: Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE: produções didático-pedagógicas, 2016 / Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Programa de Desenvolvimento Educacional. – Curitiba: SEED – Pr., 2018. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_port_une_spar-paranavai_gracianamartelo_zopozzani.pdf>. Acesso em 18 de novembro de 2019.

O diário de Anne Frank foi escrito repleto de cartas endereçadas à amiga imaginária Kitty, durante a Segunda Guerra Mundial e enquanto Anne estava enclausurada no Anexo Secreto. Como se pode notar acima, a carta é estruturada com data, saudação, relato e despedida. A carta pessoal é um gênero textual geralmente utilizado para a comunicação entre amigos, familiares, namorados. Assim, prevalece a informalidade e a linguagem direta. Além do diário, a jovem escritora escreveu cartas para moradores do Anexo Secreto como seu pai, Otto Frank, e sua irmã, Margot Frank. Ela também citou em seu diário que outro clandestino, Fritz Pfeffer (pseudônimo utilizado por Anne: Albert Dussel) escrevia cartas para sua namorada, Charlotte Pfeffer Kaletta (Lotte). Dessa forma, as cartas eram utilizadas como refúgio e consolo para lidar com o medo e o abalo emocional, além de trocar informações. Agora que já entendeu a contextualização da obra e a estrutura da carta pessoal, analise a carta a seguir para responder os exercícios.

Sexta-feira, 9 de outubro de 1942

Querida Kitty

Hoje só tenho notícias tristes e deprimentes para lhe contar. Nossos amigos judeus estão sendo levados embora às dúzias. Essa gente está sendo tratada pela Gestapo sem um mínimo de decência. São amontoados em vagões de gado e enviados para Westerbork, o grande campo de concentração para judeus, em Drente. Westerbork parece ser terrível: um único lavatório para centenas de pessoas e muito poucas privadas. Não há acomodações separadas para homens e mulheres, e todos têm que dormir juntos. Dizem que há muita imoralidade por causa disso, e muitas mulheres e até mocinhas obrigadas a ficar lá por muito tempo ficam esperando bebê.

Fugir é impossível; os internados ficam marcados pela sua cabeça raspada ou pela sua aparência judia.

Se é tão ruim na Holanda, imagine o que não será nas regiões bárbaras e distantes para onde são enviados? Sabemos que a maioria é assassinada. A rádio inglesa fala de morte em câmaras de gás.

Talvez esse seja o meio mais rápido de morrer. Estou terrivelmente nervosa. Mas eu não conseguia desgrudar da sala enquanto Miep contava essas coisas horríveis. Ela também está muito perturbada com tudo isso. Há pouco tempo, por exemplo, uma pobre judia, velha e aleijada, estava sentada à sua porta. Os homens da Gestapo lhe haviam ordenado que não

saísse dali até que um carro a fosse apanhar. A pobre infeliz estava aterrorizada pelas bombas que as baterias antiaéreas atiravam contra os aviões ingleses e pelos poderosos fochos de luz dos refletores. Mas Miep não se atreveu a mandá-la entrar; ninguém correria esse risco. Os alemães atacam sem a menor piedade. Elli também está muito quieta. Seu namorado teve de partir para a Alemanha. Ela teme que os aviadores que sobrevoam nossas casas deixem cair suas bombas — algumas delas chegam a pesar um milhão de quilos — na cabeça de Dirk. Dizer piadas como "não é provável que ele ganhe um milhão" ou "uma bomba só é suficiente" é brincadeira de muito mau gosto. A verdade é que Dirk não foi o único que teve de partir. Trens abarrotados de rapazes partem diariamente. Às vezes, ao pararem em alguma pequena estação no meio do caminho, uns poucos conseguem fugir. Infelizmente ainda não terminei com as más notícias. Você já ouviu falar em reféns? Não posso imaginar nada mais horrível.

Cidadãos notórios — gente inocente — são atirados na prisão à espera do seu destino. Se o sabotador não for encontrado, a Gestapo simplesmente fuzila cinco reféns. As notícias dessas mortes aparecem frequentemente nos jornais. Essas afrontas são descritas como "acidentes fatais". Boa gente, os alemães! E pensar que eu já fui alemã! Não, Hitler tirou nossa nacionalidade há muito tempo. Na verdade, alemães e judeus são os maiores inimigos do mundo.

Sua Anne.

EXERCÍCIOS

1) Imagine que em vez de Kitty, Anne Frank tenha escrito a carta do dia 9 de outubro de 1942 para ti. Escreva uma carta em resposta à jovem analisando os seguintes aspectos:

* Tempo verbal (suponha que Anne escreveu uma carta como relato de seu tempo, mas visando ser lida por alguém no futuro. Esta carta foi encontrada por você, que decidiu responder. Contudo, você é um jovem do século XXI, disposto a analisar seu tempo com a mesma sinceridade de Anne. Assim, responda à carta comparando os séculos XX e XXI, não esquecendo de atentar-se para a mudança lexical que o século tratado requer).

* Preconceitos e segregação: Como a garota analisou esses aspectos e como isso ocorre atualmente?

Resposta Esperada: Esta questão busca analisar a percepção dos alunos sobre o tema retratado na carta e refletir sobre os impactos e resultados que o preconceito pode ocasionar, seja no âmbito individual como um *bullying* na escola e ser desrespeitado em público por sua raça ou

no âmbito mais amplo como ter um visto negado por ser brasileiro, por exemplo. Pensar sobre os estigmas sociais comparando os séculos e utilizando tempos verbais e léxicos que sejam pertinentes a cada período relatado. Alguns argumentos são interessantes nesta análise do discurso: Estupro, câmaras de gás, cabeça raspada (perda da identidade, demonstração pública de que é judeu), aparência judia (motivo do preconceito), bombas, agressividade, denúncia no jornal de forma manipuladora (a jovem não apenas percebeu isso, como utilizou aspas na expressão “acidentes fatais” para enfatizar a intencionalidade do jornal. Ela almejava chamar a atenção do leitor para a mídia que amenizava, com palavras sutis, os horrores da guerra).

2) Compare as duas cartas de Anne e responda:

* Na carta de 9 de outubro de 1942, Anne relata seu presente. Repare nos verbos no presente do indicativo e a forma como transcorre seu relato.

* Na carta de 23 de julho de 1943, Anne aborda os desejos dos moradores do Anexo Secreto, considerando que sairão todos vivos ao fim da guerra. Repare na utilização de verbos no presente do indicativo (querem, consegue, está, quero) e no futuro do pretérito do indicativo (gostaria, ficaria, saberia) para expressar o futuro.

→ Em sua opinião, por que a jovem utilizou estes tempos verbais, considerando que estava falando de atitudes que seriam tomadas após o término da guerra?

Resposta Esperada: Na carta de 9 de outubro de 1942, Anne relata seu presente, logo utiliza o presente do indicativo como tempo verbal, isso auxilia no reforço desse relato que além de ser verídico, expressava o momento atual. Já na carta de 23 de julho de 1943, Anne utilizou o presente do indicativo denotando o desejo convicto de cada morador do Anexo Secreto, mesmo não abordando o presente, considerando o fato que estavam todos reclusos, o tempo escolhido reforçou o que cada um já sabia o que queria, além de reforçar essa ideia de esperança num futuro próximo. Já o tempo futuro do pretérito denota a incerteza desse futuro, pois estavam numa posição social e no contexto histórico-político desfavoráveis.

3) Analise a afirmação abaixo:

“[...] Hudinilson Urbano processa uma análise minuciosa da linguagem do prosador, tomando como parâmetros os fundamentos teóricos da Linguística, da Análise da Conversação, da Sociolinguística, da Pragmática e até da Teoria Literária. Seu objetivo, em todo trabalho é mostrar como o autor conscientemente se utiliza da oralidade, criando novos efeitos no processo narrativo e no diálogo de suas personagens.” Fonte: URBANO, Hudinilson. **Oralidade na Literatura** (o caso Rubem Fonseca). São Paulo: Cortez, 2000. p. 10.

→ Neste trecho, extraído da obra de Urbano, o autor reflete sobre o trabalho realizado na obra *Oralidade na Literatura*. Como pode perceber, Urbano analisa contos de Rubem Fonseca buscando marcas da oralidade expressas nos textos, considerando aspectos utilizados na linguagem. Dessa forma, analise a carta de 9 de outubro de 1942 e identifique as marcas da oralidade expressas na escrita de Anne.

Resposta Esperada: Anne escreve como se estivesse dialogando com a Querida Kitty. Assim, elementos comuns à oralidade são utilizados na carta como a expressão “lhe contar”, “nossos amigos”, as perguntas lançadas no texto (como estratégia comunicativa típica da função fática), as falas de Dirk descritas entre aspas, a ironia sobre os alemães expressando revolta. Há também a utilização do pronome pessoal “nossos” como se Kitty também estivesse presente no contexto da enunciação para ouvir o desabafo e a informalidade narrativa, típica da conversação entre amigas. Sobre a fala do outro na narrativa, Urbano (2000) afirma o seguinte: “na narrativa oral, podem ocorrer ainda estratégias variantes do discurso direto com características próprias, em que o narrador indica o falante citado ora de maneira indireta por imitação da voz, de sotaque e trejeitos articulatórios”.

4) Observe a afirmação a seguir:

O linguista, na condição de leitor da obra literária, propõe-se a estudar a realização linguística do escritor, isto é, os recursos de que lança mão para transmitir um conteúdo ficcional, que poderá ser aceito por quem lê como uma representação pessoal da realidade. E, nesse processo, será sempre importante considerar a expectativa que o leitor possui para a linguagem literária, nas diversas épocas históricas. Fonte: URBANO, Hudinilson. **Oralidade na Literatura** (o caso Rubem Fonseca). São Paulo: Cortez, 2000. p. 9.

→ Urbano afirma que a Literatura e a Linguística são complementares. Assim, o autor acredita que todo escritor possui características individuais que explicam seu estilo de escrita, expressado pela “realização linguística do escritor”. Portanto, todo escritor acaba por retratar seu tempo e história, mesmo disfarçando a ficção através da ironia ou da fantasia. Dessa forma, compare as duas cartas e aponte léxicos ou expressões que representam a sinceridade da jovem escritora, característica típica de seu estilo. Justifique sua resposta atentando para o modo e linguagem que Anne utiliza para relatar seu tempo e espaço, dialogando com o próprio diário.

Resposta Esperada: Anne Frank é conhecida por sua sinceridade, tanto que alguns trechos do seu diário sofreram censura de Otto e não foram divulgados. Além disso, é perceptível nas

duas cartas a necessidade que Anne tem de se dirigir a Kitty (Querida, você, etc.), de usar uma linguagem simples e direta (essa gente, mocinhas, esperando bebê, aleijada, etc.), de instigar sua esperança e fé num mundo melhor (assim que puder sair de novo), de criticar as atitudes humanas principalmente quando são praticadas por adultos e ela julga infantis ou absurdas (é brincadeira de muito mau gosto), de expressar revolta (E pensar que eu já fui alemã!) e, por fim, expressa uma ironia aguçada (Boa gente, os alemães!).

5) Na carta do dia 9 de outubro de 1942, Anne utilizou adjetivos para referir-se à mulher encontrada pelos nazistas na rua. Qual o papel desta classe gramatical utilizada no relato?

Resposta Esperada: Adjetivo é uma classe gramatical que serve para caracterizar os substantivos. Sendo assim, Anne utilizou os adjetivos para descrever a senhora sentada na rua de forma clara e direta, característica comum na sua escrita. A escolha desta classe gramatical facilita o entendimento do leitor e a explanação de quem escreve.

Nesta etapa, os alunos estavam mais familiarizados com as cartas da Anne e, como os exercícios foram realizados em trio, não demonstraram dificuldade em responder.

Aula 6: Exposição 22/11/2019

Exposição com exibição do documentário *Minha Luta* (1960) no canto da sala, fotos do holocausto espalhados em outro lado da sala, fotos do campo de concentração brasileiro em outro setor, resenhas exibidas na parede, árvore genealógica da família Frank ao lado das imagens dos moradores e ajudantes do Anexo Secreto, fotos de objetos e símbolos utilizados durante a guerra. Livros utilizados na pesquisa organizados no birô. A exposição será aberta à comunidade escolar e ocorrerá durante o intervalo. Cada aluno que entrar na sala receberá uma imagem do personagem do diário para pesquisar na exposição e entender quem é e o que ocorreu com ele (se conseguiu sobreviver). Antes de sair, o aluno deve escrever uma mensagem de paz no caderno da exposição e falar sobre a experiência que passou.

Não foi possível realizar a exposição durante o intervalo, pois a turma de Eletrotécnica teve aula vaga e, diante disso, a docente Tarcísia resolveu reunir as duas turmas no horário de 14h20min. Sendo assim, as explicações de cada grupo ocorreram entre as turmas mesmo durante o horário de aula. Outra professora, Thayse Paraiso, entrou na sala para conhecer os trabalhos dos alunos e afirmou que estava satisfeita com os resultados.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sequência didática realizada nas turmas de ensino médio/técnico integrado objetivou compreender o diário de Anne Frank explorando gêneros textuais diversos. As leituras que fundamentaram este ensino auxiliou na reflexão da obra e, conseqüentemente, na elaboração dos exercícios. A fim de explorar percepções distintas sobre as cartas e o contexto histórico, foram apresentados outras pesquisas abrangendo esta temática como o documentário *Minha Luta* e imagens dos campos nordestinos. Interessante perceber que a utilização dessas fontes auxiliou no entendimento da denúncia social, como se a escrita ganhasse mais força e notoriedade ao retratar o que foi dito.

Um dos fatores que chamou a atenção durante as aulas foi notar que os discentes desconheciam o massacre ocorrido no Ceará. A surpresa demonstrada no semblante deles revelou o choque ao perceber que conheciam a história de um país tão distante como a Alemanha, mas desconheciam o fato ocorrido com o estado vizinho. Este fato revelou falha não só na educação, mas também na cultura brasileira que muitas vezes prefere exaltar o estrangeiro, desconsiderando suas raízes e história.

Diante de tudo o que foi exposto, este trabalho espera ter contribuído com o ensino do diário estruturado por cartas na disciplina de Língua Portuguesa, considerando os quatro eixos de ensino utilizados. Interessante refletir que Anne Frank alcançou seu desejo de ser lembrada após a morte e de marcar sua história, apesar da pouca idade. Suas cartas, utilizadas na literatura de introspecção, demonstram o quanto a escrita e a leitura podem acalantar a alma humana em épocas de crise. Pensar sobre esses aspectos na sala de aula permite que os alunos descubram a importância de ler e manter-se ativo como cidadão, por isso o docente deve apresentar essas questões aos estudantes para instigar a reflexão e autonomia em busca de construir uma sociedade mais humana e melhor.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160. Disponível em: < <http://eps.otics.org/material/entrada-outras-ofertas/livros/a-escrita-de-si-michel-foucault>>. Acesso em: 10 de nov. de 2019.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**: edição integral. Tradução de Ivanir Alves Calado. 48 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

FRANK, Casa de Anne. Tradução NLTranslations.com. **Para além do diário de Anne Frank**: O dia a dia do Esconderijo e de todos os seus habitantes. São Paulo: Leya, 2016.

GIES, Miep; GOLD, Alison Leslie. Tradução Iris Figueiredo. **Recordando Anne Frank**: A História contada pela mulher que desafiou o nazismo escondendo a família Frank. Brasil: Gutenberg, 2017. 250 p.

GLUCKSMANN, André; Tradução Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. **O Discurso do Ódio**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007. 272p.

HOUSE, Anne Frank. **Anne Frank sua vida, o diário e o Anexo Secreto**. Disponível em: < <https://www.annefrank.org/en/anne-frank/>>. Acesso em 21 de novembro de 2019.

LEAL, Telma Ferraz; BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. É possível ensinar a produzir textos! Os objetivos didáticos e a questão da progressão escolar no ensino da escrita. In: LEAL, Telma Ferraz; BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi (orgs.). **Produção de textos na escola**: reflexões e práticas no Ensino Fundamental. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MINHA Luta. Direção de Erwin Leiser. 1960. DVD (111 min). Preto e branco.

PERNAMBUCO. **Parâmetros para a Educação Básica do Estado de Pernambuco**. Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa de Pernambuco. Concepções, 2012.

PULLIG BASTOS, Andreza Silva de Oliveira. O Diário na sala de aula: articulando análise linguística, leitura e produção textual. In: **Linguagens & letramentos** [recurso eletrônico] / Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, Programa de Mestrado Profissional em Letras PROFLETRAS. - v.1, n.2 (2016). Cajazeiras: Editora da Universidade Federal de Campina Grande, EDUFCA, 2016.

URBANO, Hudinilson. **Oralidade na Literatura**: o caso Rubem Fonseca. São Paulo: Cortez, 2000.

VALLE, Leonardo. **90 anos de Anne Frank**: “Diário” aborda temas contemporâneos e atrai adolescentes. Disponível em < <https://www.institutonetclaroembratel.org.br/educacao/nossas-novidades/reportagens/90-anos-de-anne-frank-diario-aborda-temas-contemporaneos-e-atrai-adolescentes/>>. Acesso em 10 de setembro de 2019.